

Maria, de Lamas, conc. da Feira, distr. de Aveiro. || S. Mamede, de Madail, conc. de Oliveira de Azemeis, do mesmo distr. || Santo André e conc. de Mafra, distr. de Lisboa. || Espirito Santo, de Monteiras, conc. de Castro Daire, distr. de Vizeu. || Santo Thirso, de Paramos, conc. da Feira, distr. de Aveiro. || S. Vicente de Pereira Jusã, conc. de Ovar, do mesmo distr. || S. Martinho, de Travanca, conc. de Oliveira de Azemeis, do mesmo distr. || Ilha de S. Jorge; S. Jorge e conc. de Vêlas, distr. de Angra do Heroismo, Açores. || N. S. da Purificação, de Villa Chã, conc. de Macieira de Cambra, distr. de Aveiro. || N. S. da Conceição e conc. de Villa de Rei, distr. de Castello Branco. || Santo Antonio, de Areias, conc. de Marvão, distr. de Portalegre. || N. S. d'Assumpção, de Saboia, conc. de Odemira, distr. de Beja. || de Santa Maria, de Longroiva, conc. de Méda, distr. da Guarda. || Ponta situada na SO da ilha de S. Miguel, Açores. || Territorio da ilha do Fogo, no archipelago e prov. de Cabo Verde, Africa Occidental. Está situado a E da pov. dos Mosteiros, n'um dilatado plano inclinado, e n'outro tempo foi habitado e teve plantações d'algodão e vinha. A erupção de 1812 cobriu tudo de lava.

Relva d'Asselceira. Pov. na freg. de Santo Antonio, de Areias, conc. de Marvão, distr. de Portalegre.

Relva de Baixo. Pov. na freg. de N. S. da Natividade, de Safira, conc. de Monte mór-o-Novo, distr. de Évora.

Relva do Boi. Pov. na freg. de Santa Margarida, de Fundada, conc. de Villa de Rei, distr. de Castello Branco.

Relva Branca da Fria. Pov. na freg. de N. S. da Conceição e conc. de Monchique, distr. de Faro.

Relva Longa. Povoações nas freguezias: S. Miguel, de Coimbra, conc. e distr. de Leiria. || S. Julião, de Mourinho, conc. de Taboa, distr. de Coimbra.

Relva da Louça. Pov. na freg. de N. S. da Assumpção e conc. de Proença-a Nova, distr. de Castello Branco.

Relva da Mó. Pov. na freg. de S. Matheus, de Alvares, conc. de Goes, distr. de Coimbra.

Relva da Moira. Pov. na freg. de Santo Antonio, de Areias, conc. de Marvão, distr. de Portalegre.

Relva de Traz. Pov. na freg. de N. S. da Conceição e conc. de Monchique, distr. de Faro.

Relva Velha. Povoações nas freguezias: N. S. dos Córros, de Teixoso, conc. da Covilhã, distr. de Castello Branco. || Santa Cecilia, de Bemfeita, conc. de Arganil, distr. de Coimbra.

Relvada. Pov. na freg. de S. Vicente, de S. Gualhos, conc. de Anadia, distr. de Aveiro.

Relvas. Povoações nas freguezias: N. S. da Conceição, de Martim Longo, conc. d'Alcoutim, distr. de Faro. || Santo Estevão, de Cachopo, conc. de Tavira, do mesmo districto.

Relvas (Carlos). Fidalgo da Casa Real, commendador da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, opulento lavrador e proprietario na Gollegã. O seu nome completo era Carlos Augusto Mascarenhas Relvas de Campos, sendo, porém, conhecido mais vulgarmente só pelo nome abreviado de Carlos Relvas. Era uma das figuras mais sympathicas de Portugal, no seu tempo, admirado pela sua elegancia, pericia e

arte, como cavalleiro e toureiro amador, pelo seu delicado talento artistico de photographo, um distinctissimo *sportman*. Seu pae era um dos mais abastados lavradores de todo o Ribatejo; chamava-se José Farinha Relvas de Campos, e falleceu a 27 de fevereiro de 1865. Fundou importantes estabelecimentos agricolas e uma bella casa de habitação na Gollegã. N'esta casa achavam sempre franca e excellente hospedagem todas as pessoas que transitavam por aquellas estradas, e por varias vezes ali se hospedou a familia real. Nos seus estabelecimentos agricolas introduziu e fez uso, com o maior proveito publico, de muitos processos e instrumentos agricolas, n'essa epoca adoptados e aperfeiçoados entre as nações mais cultas da Europa. Ao seu zelo e á sua iniciativa deveu a Gollegã muitos e importantes melhoramentos, uns promovidos por elle como simples particular, outros a que deu impulso como presidente da camara, cargo que exerceu quasi constante-



Carlos Relvas

mente; e como procurador da junta geral do districto, para que foi eleito seis ou sete vezes. Em 1842 o quizeram eleger deputado, mas não accetou a candidatura; tambem os governos o agradeceram por vezes com uma commenda, titulos de conselheiro, de barão e de visconde, mas rejeitou sempre estas mercês. Carlos Relvas foi um digno continuador da obra de seu pae. Nasceu na Gollegã, onde tambem falleceu, victima d'um grande desastre, a 23 de janeiro de 1894. Casou com D. Margarida Amalia Mendes de Vasconcellos, filha dos condes de Podentes; de Jeronymo Dias de Azevedo Vasques d'Almeida e Vasconcellos e D. Maria Liberata da Costa Mendes de Azevedo, representantes das mais illustres familias da Beira Alta. Herdeiro d'uma opulentissima fortuna, entregava-se aos cuidados da sua immensa lavoura, que podia servir de modelo, pela perfeição em todos os trabalhos do campo, e á administração das suas propriedades. Era respeitado e estimado pelo seu caracter franco e bondoso; mui-

to caritativo e esmoler, tornou-se na Gollegã o verdadeiro pae dos pobres, que lhe consagravam a maior veneração. Carlos Relvas, apesar dos seus muitos trabalhos com a administração da sua casa, lembrou-se um dia de aproveitar as horas que lhe ficavam livres, e fez-se artista, dedicando-se á photographia como amator. Correu os principaes *ateliers photographiques* da Europa, comprou os mais custosos e perfectosapparelhos, e construiu junto da sua vivenda da Gollegã um *atelier* na parte mais elevada e pittoresca d'um formoso jardim, entre palmeiras, eucalyptos e flôres. Era uma verdadeira maravilha artistica, não só no conjunto da construcção, como na ornamentação interior e mobiliario, que dizem, ser de principaes trabalhos de escultura. Foi ali que Carlos Relvas passou grande parte da vida, trabalhando, estudando e lendo. Os seus trabalhos photographicos tornaram-se bem conhecidos e muito apreciados, e em pouco tempo Carlos Relvas ficou considerado o primeiro photographo-amador do paiz. N'esses trabalhos destaca-se a reprodução dos objectos que figuraram na exposição da arte ornamental realisada em Lisboa no anno de 1882, que constituem verdadeiros primores artisticos. As suas photographias distinguem-se pelo gosto artistico da *pose* ou do ponto de vista, pela escolha da luz e pela nitidez. Muitas d'essas photographias e dos seus instantaneos figuraram em varias exposições nacionaes e estrangeiras, conquistando em todas ellas um dos mais distinctos logares. Carlos Relvas era membro da Sociedade Francaza de Photographia, e obteve medalhas nas exposições d'essa sociedade, de 1870, 1874 e 1876. Também alcançou varios premios nas seguintes exposições: Em Vienna d'Austria, 1873, *Medalha do Progresso*; Madrid, 1873, medalha de prata; Sociedade Photographica, de Vienna d'Austria, 1875, medalha de prata; Philadelphia, 1876, medalha; primeiro premio na Exposição d'Amsterdã, 1876, *Cruz de Bronze dourado*; Exposição horticeola do Palacio de Crystal do Porto, 1877, medalha de ouro; Exposição da União Central das Artes decorativas, no palacio da Industria, de Paris, medalha de ouro, o que foi uma das suas victorias. Como *sportman* tornou-se notavel em todos os exercicios physicos, precisos para aliar a dextreza á agilidade, a serenidade á coragem. Habil atirador de pistola e de carabina, dextro jogador de pau, de florete e de sabre, foi tambem notavel na equitação. Possuidor de cavallos magnificos, sabia ensinal os a primor, e realisava com elles proezas extraordinarias, sendo um perfeito *gentleman-rider*. Um dos seus maiores triumphos foi no Porto, n'umas corridas em que alcançou grande victoria, montando no seu cavallo *Chasseur d'Afrique*. Como toureiro amator tambem Carlos Relvas se tornou muito afamado. Por muitos annos toureou a cavallo e a pé; era dextro, tanto como cavalleiro, como bandarilheiro, aliando á sua dextreza de cavalleiro e grande firmeza, uma serenidade de animo pouco vulgar. Na praça da Foz do Douro, um cavallo, montado por Carlos Relvas, foi ferido por um ferro, e resabiçou, dando uma volta á praça que era pequena e angulosa, nos mais nervosos corcovos, tentando algumas pessoas vêr se conseguiam fazel o parar, o que foi baldado empenho. Extenuado pela lucta, o cavallo parou afinal, sem que conseguisse perturbar o animo co-

raioso do denodado cavalleiro Carlos Relvas recebeu então uma entusiastica ovação. O distincto toureador amator tomava sempre parte em festas de caridade, para as quaes não recusava nunca o seu concurso. A ultima tourada, em que tomou parte, foi a que no verão de 1893 promoveu a commissão da imprensa a favor das victimas do cyclone dos Açôres. Entusiasta por este divertimento, mandou construir na Gollegã uma praça de touros, que se inaugurou com uma corrida em beneficio do hospital d'aquella villa. Com o seu caracter caritativo, querendo sempre contribuir para o bem da humanidade, inventou um barco salva-vidas. Em 1880 assistiu a um naufragio na barra do Douro, o que muito o impressionou, e logo applicou a sua actividade e intelligencia em descobrir a maneira mais rapida e mais segura de acudir aos naufragos, quando o mar é indomito e o perigo implacavel. Durante tres annos não descansou, e nos fins de outubro de 1883 dirigiu ao ministro da marinha um requerimento, apresentando o barco salva-vidas da sua invenção, com os competentes tripulantes, que de prompto haviam adquirido n'elle uma grande confiança procurando os pontos mais embravecidos do mar. Desejava que a realisação do seu pensamento fosse confirmada por meio d'uma experiencia official, e requeria que o ministro a ordenasse, pedindo lhe igualmente que lhe permitisse partilhar da sorte do pessoal da mesma experiencia, acompanhando o. Junto ao pedido mandava 8 photographias do barco. O ministro deferiu logo o requerimento, e nomeou uma commissão composta do engenheiro naval Luiz da Cunha e Mancellos, capitão de mar e guerra João Capistrano de Sousa Neves, e o piloto-mór da barra do Porto, para assistir á experiencia do novo barco salva-vidas. No dia 7 de novembro do citado anno de 1893 realisou-se a experiencia na Foz do Douro. O mar estava de molde para essa experiencia; agitava-se furiosamente, e erguia-se em grossas vagas junto da barra, pondo em perigo, ás vezes, os pequenos barcos que a ellas se atreviam. O novo barco salva-vidas, que sob a direcção de Carlos Relvas, fôra construido por José Paulino Ignacio, de Villa Nova de Gaia, dirigiu-se para a entrada da barra, onde o mar era mais forte, tripulado por Carlos Relvas, por Joaquim Ferreira Vizeu, piloto da barra do Porto e 8 remadores. Ao mesmo tempo partiu tambem, para servir de comparação ao moderno barco, o antigo salva-vidas, tripulado por 12 remadores, o respectivo patrão, Mendes Leite, ajudante do chefe do departamento maritimo, e o engenheiro naval Mancellos. Os tripulantes de ambos os barcos iam munidos de boias de salvacão cingidas em roda do tronco. N'uma catraiz da barra acompanhavam os dois barcos Marianno de Carvalho, o chefe do departamento maritimo e o piloto mór. Eram 3 horas da tarde quando começaram as experiencias. Os dois barcos salva-vidas adeantaram-se para o mar, indo ao encontro das ondas mais embravecidas, com tanta persistencia, que chegaram por momentos a aterrar a multidão, que assistia a este espectáculo. Os barcos sumiam-se de vez em quando nas grandes cavidades das ondas. O salva-vidas antigo galgava essas ondas como uma casca de noz, o salva-vidas de Relvas *furava-as*, batendo-se com ellas, e saindo sempre triumphante do combate, apesar de

ter quebrado n'um dos encontros a canna do leme. Duraram uma hora estas experiencias, que mostravam as vantagens incontesteveis do salva-vidas Relvas sobre o salva-vidas antigo, e de volta á cantareira, Carlos Relvas subjeitou ainda o seu barco a uma nova experiencia, que mais eloquentemente ainda provou a excellencia da sua invenção. Fez voltar o barco, que tornou immediatamente á sua posição natural, o que demonstrava que, mesmo no caso das ondas o voltarem, os tripulantes não corriam perigo algum, agarrando-se aos arcos de ferro, visto que elle voltava logo á sua primitiva posição. Carlos Relvas conseguira o seu fim. Depois de prestar grandes serviços á arte, prestava serviços á humanidade, depois de ser um grande artista, era um grande benemerito.

Relvas (José). Ministro das finanças no governo provisório da Republica, ministro portuguez em Madrid, rico proprietario e agricultor, etc. N. na Gollegã a 5 de março de 1858, sendo filho de Carlos Relvas, e de sua mulher, D. Margarida Amalia de Azevedo Relvas (V. o artigo antecedente). Matriculou-se na Universidade de Coimbra na faculdade de Direito, que só frequentou até ao segundo anno, abandonando-o então para seguir o Curso Superior de Letras, o qual concluiu em 1880, escrevendo n'esse anno a sua these, intitulada *O Direito feudal*, que apresentou na prova final do curso. Além d'este trabalho, escreveu: *Conferencia sobre questões economicas*, feita no Centro Commercial do Porto em 1910, publicada e impressa na typographia Bayard. Em diversos jornaes tem publicado muitos artigos, especialmente sobre questões d'arte, e economicas. Dedicando-se muito ás ideias democraticas, foi um dos que mais serviços prestou para a implantação da Republica em Portugal, fazendo intensa propaganda dos seus ideaes, tanto no paiz, como no estrangeiro, onde acompanhou o sr. Magalhães Lima. Tendo estudado a fundo as questões economicas e financeiras, foi chamado a gerir a pasta das finanças no governo provisório, poucos dias depois d'elle se ter organizado em seguida á proclamação da Republica, no dia 5 de outubro de 1910. O sr. José Relvas já fizera parte do directorio do partido republicano. Como ministro, dedicou-se com todo o criterio e elevada competencia na gerencia da sua pasta, tomando em consideração muitas reclamações, que elle procurou attender, providenciando sobre as que considerava serem justas, procurando tomar medidas e reformas que pudessem, quanto possivel, satisfazer os reclamantes, affirmando assim mais uma vez, e praticamente, o seu espirito democratico e consciencioso. Quando se tratou da nomeação do presidente da Republica, foi o seu nome indigitado por mais d'uma vez como candidato a esse elevado cargo. Nas primeiras côrtes constituintes que se organizaram depois da eleição do presidente, o sr. Manuel d'Arriaga, foi o sr. José Relvas eleito deputado pelo circulo de Vizeu. Por decreto de 14 de outubro de 1911 foi nomeado ministro portuguez em Madrid, indo substituir o sr. Dr. Augusto de Vasconcellos, que deixara de exercer aquellas funcções, por ter sido nomeado ministro dos estrangeiros no ministerio presidido pelo sr. João Chagas, o primeiro organizado depois da demissão do governo provisório. No dia 18 d'esse mez seguiu para Madrid a tomar posse do seu novo

cargo. O sr. José Relvas herdou de seu pae qualidades artisticas de alto valor, embora sob manifestações diversas. Do livro *As Constituintes de 1911 e os seus deputados*, recentemente publicado, transcrevemos, de paginas 109 a 111, a descripção da casa e da vida íntima do illustre diplomata, feita pelo apreciado escriptor sr. João Chagas: «Ao meio da estrada de Alpiarça que se desliga da linda estrada de Almeirim para atravessar entre searas e vinhas os 14 kilometros que separam aquella villa da capital do Ribatejo, vê-se com surpresa surgir n'um distante socalo uma vasta e complexa construção que diríamos ser o que? Uma *chartreuse*? Talvez. Entre as ramarias desinquietas dos choupaes e á medida que nos vamos acercando da villa a construção vai cada vez mais tomando o vulto e o aspecto monastico com as suas frontarias reluzentes de cal, a confusão dos seus telhados, as suas chaminés espalhadas por toda a parte, as gelosias verdes das suas janellas romanicas e as galerias do seu claustro exterior aberto sobre os campos; e quem não souber onde está, irresistivelmente será levado a perguntar se ali reside uma comunidade e o que fará — se philosophia, se licôres? Para attingir esta casa de um tão enigmatico aspecto é preciso atravessar a villa d'Alpiarça e seguir ao longo da grande rua que a corta ao meio e cujo prolongamento é a estrada que conduz a Almeirim. Ao sair de Alpiarça começa um velho muro por traz do qual marulham as altas folhagens de um arvored palreiro. Eis aqui o portão, um portão de quinta, ou de granja, envelhecido, enferrujado, emperrado, e um caminho largo e arejado com um sulco macio de rodas de carruagem, que convida tanto mais attrahentemente a entrar, quanto do portão não se vê a casa, e avançando alguns passos entre adegas e lagares, eis que a casa nos apparece, de uma brancura radiante e de um pittoresco tão original e tão vivo que estacamos a contemplal-a como a uma obra d'arte. O leitor não conhece pessoalmente o dono da casa? Eu vou apresental-o: Em primeiro logar já o leitor por certo verificou que está no dominio de um lavrador, e o dono da casa com effeito, o é. Sómente é tambem um homem de grande cultura, de grande gosto, o que explica que, ao lado das suas adegas e lagares, no meio das suas vinhas, dos seus olivedos, e dos seus sobreiros, elle construisse para viver, esta casa que surprehende, que intriga, que encanta e que na vida de um homem como elle, é verdadeiramente uma obra. Depois verifiquei que esta casa é muito singular, pois tem um grande porte e nenhuma ostentação. Não se lhe pôde dar o nome de *chateau* ou de *manoir*, ou mesmo de *casa de campo*. Dir-se-hia uma velha residencia de familia, transmittida por herança de paes a filhos. No entanto não tem 6 annos de construida; e não lhe dá este primeiro aspecto a conhecer não já o gosto mas o fundo nobre do caracter do homem que a construiu, e que assim pretendeu adoptar a sua noção da familia ao domicilio que melhor lhe convém e que ainda é aquelle que n'outros tempos a abrigou e perpetuou? A casa dos Patudos, pois esse é o seu nome, nasceu hontem e tem seculos. De nobreza? Não. De solidariedade de familia, de virtudes domesticas, de agasalho de hospitalidade. Por effeito do seu temperamento, da sua educação, o dono d'esta casa é um destino inteiramente votado ao